

O DESENVOLVIMENTO E A CONSTRUÇÃO DO JOVEM COMO SER SOCIAL EM SEU PROJETO DE VIDA E A SABEDORIA PRÁTICA DE ARISTÓTELES

Guilherme de Freitas¹

RESUMO

O presente artigo aborda de que forma a fase da juventude lida com a construção do seu ser responsável para se tornar adulto, trazendo dados de pesquisas recentes sobre grupos de jovens brasileiros, que confirmam o pensamento aristotélico que apresenta, de forma específica no livro *Ética a Nicômaco*, a relação, ou não relação, que existe entre a fase da juventude e a *phronesis*, ou sabedoria prática e de que forma esta ausência interfere nas deliberações de tais sujeitos.

Palavras-chave: Aristóteles. Sabedoria Prática. Juventude.

INTRODUÇÃO

A fase da juventude é enxergada de várias formas, como uma fase da vida ou uma classe econômica, mas aparenta carregar em si algo estrutural, que independe de realidade ou tempo. Esta “estruturalidade” se confirma ao encontrar em pesquisas contemporâneas sobre a juventude traços e características, como a busca exacerbada pelo prazer e fuga de responsabilidades, tudo devido a falta do uso da razão, coisas estas que já foram apontadas na juventude em séculos antes de Cristo.

Este artigo, para demonstrar a constância que a fase da juventude tem e que aparenta percorrer os séculos, utiliza uma pesquisa realizada em meados dos anos 2003 abordando jovens brasileiros, com o intuito de encontrar como estes sujeitos constroem o seu ser como “sujeito social”. Em seguida, apresenta o pensamento aristotélico, que confirma que desde a época do filósofo, a fase entendida como juventude demonstra estar desprovida da sabedoria prática, pensamento este apresentado na obra *Ética a Nicomaco*, de modo específico no livro VI.

Baseando-se nestas duas realidades, o filósofo grego aborda quais as semelhanças e as diferenças e até que ponto a ausência da *phronesis* interfere nas deliberações realizadas pelos

¹ Aluno do primeiro ano do bacharelado em Filosofia do Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL

sujeitos na fase da juventude, bem como de que maneira o uso desta sabedoria prática é consciente nestes indivíduos.

1 O JOVEM NA CONSTRUÇÃO DO SEU SER SOCIAL E SEU PROJETO DE VIDA

A juventude pode ser definida de diversas maneiras: a partir de uma ótica social, cultural ou até antropológica, mas cabe aqui reconhecê-la como aquela fase da vida em que intermedia a infância e a vida adulta, podendo assim se dizer que é uma fase de transição, na qual ocorre ou espera-se que ocorra, um amadurecimento para a responsabilidade de tornar-se independente, diferente do que ocorre na infância, quando existem responsáveis pela pessoa, ou seja, outros sujeitos que já passaram por essa fase e ao se tornarem adultos assumem a responsabilidade de si mesmos e de outros.

Entretanto, ao falar de juventude não se deve entendê-la somente como uma passagem, dado que ela é um momento determinante e que assume importância em si mesma. Não se pode diminuir seu valor, porque quando percebida neste contexto, a juventude é vista de uma forma reduzida a somente uma fase e que ao final seja alcançada uma tal “maturidade”. Muitos que passam por este processo sentem-se pressionados a chegar somente no fim, ou seja, o tornar-se “responsável”, mas se este for o único foco acabam por não se preocuparem com o caminho que é necessário realizar para atingir tal fim. Essa precocidade e ansiedade pelo resultado influencia na maneira como o indivíduo se reconhece na sociedade, desde o papel em que vai assumir de modo individual, como também seus projetos e sonhos, até a sua inserção na sociedade, tornando-se um sujeito social.

Tal fase da vida com pressões e transformações foi o campo de estudo do Professor Juarez Dayrell², pesquisador na temática da juventude, educação e cultura, da Universidade Federal de Minas Gerais. Ao realizar sua pesquisa de campo para sua tese de doutorado pela Universidade de São Paulo, Dayrell partiu da influência dos grupos musicais brasileiros na vida juvenil, observando de que forma estes grupos auxiliam ou não na construção da juventude como sujeito social.

² Juarez Tarcisio Dayrell, possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1983), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989), doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2001), pós-doutorado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Atualmente é professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador do CNPq. É fundador e integrante do Observatório de Juventude da UFMG (www.observatoriodajuventude.ufmg.br). Está integrado à Pós-Graduação da Faculdade de Educação na linha de pesquisa: Educação, cultura, movimentos sociais e ações coletivas, desenvolvendo pesquisas em torno da temática Juventude, Educação e Cultura.

Em seu artigo *O jovem como sujeito social*, publicado na Revista Brasileira de Educação, o pesquisador, após analisar dois jovens da cidade de Belo Horizonte, com a intenção de descobrir, detalhadamente, como eles se descobrem como jovens e o que essa descoberta influi em suas vidas e na sociedade, concluiu que os grupos musicais em que estão inseridos estes jovens são uma oportunidade que encontram para a construção do seu “ser adulto”, do assumir algum tipo de responsabilidade que os faça amadurecer, mas também, e de forma latente, a busca pela felicidade e pelo prazer momentâneo.

As trajetórias de vida de João e Flavinho, bem como o nosso contato com os outros jovens pesquisados, nos levam a constatar que os estilos de *rap* e *funk* constituem um espaço e um tempo nos quais esses jovens podem afirmar a experiência da condição juvenil. É por meio desses estilos que constroem determinados modos de ser jovem. E nessa construção colocam em questão as imagens, ou um certo “modelo” de juventude. (DAYRELL, 2003, p. 49).

Com a contextualização da pesquisa de Dayrell, percebe-se que a forma como esses indivíduos procuram o seu amadurecimento está ligada a assumir responsabilidades, desde o construir relacionamentos que formarão as suas novas famílias, de forma que aprofundam e buscam estabelecer vínculos que lhes pareçam agregar valor, até a procura de empregos, com o intuito de criar sua independência financeira. Ambas as motivações parecem ser mais pautadas em um bem-estar momentâneo, devido as suas realidades, mas assumidas por eles como uma forma de “se tornar adulto”, assim afirma Dayrell:

O tempo da juventude, para eles, localiza-se no aqui e no agora, imersos que estão no presente. E um presente vivido no que ele pode oferecer de diversão, de prazer, de encontros e de trocas afetivas, mas também de angústias e incertezas diante da luta da sobrevivência, que se resolve a cada dia [...] esses sonhos e desejos não se concretizam necessariamente em projetos de vida, e quando fazem, se mostram fluidos ou de curto alcance. (DAYRELL, 2003, p. 49).

Ao concluir sua pesquisa, o estudioso em questão afirma que estes grupos, nos quais os jovens estão inseridos, proporcionam-lhes uma perspectiva de vida que não encontram nas escolas, por não serem valorizados, não encontram em suas famílias, por serem desestruturadas e carentes, e também não encontram no campo de trabalho, visto que, por não possuírem um bom estudo e por conta da realidade em que estão inseridos encontram muitas dificuldades para um trabalho mais digno.

Pautado nestas circunstâncias, Dayrell aponta que estes jovens têm uma certa consciência da sua necessidade de se tornar “responsável” por si e por suas atitudes, porém, ao deparar-se com algumas situações que não lhes proporcionam o “prazer da vida” acabam por colocá-las como secundárias, e assim supervalorizam as experiências que lhes vinculam e

auxiliam no processo de amadurecimento, mas de uma forma que lhes traga prazer e que não lhes roube a oportunidade de serem felizes no aqui e no agora, impedindo-os de enfrentar algumas situações que poderiam lhe gerar a construção de um projeto de vida a longo prazo.

Outro aspecto de destaque que o professor conclui com esta pesquisa é que a visão dos jovens sobre a vida adulta é tida como negativa: “A imagem de adulto que eles constroem é muito negativa. Ser adulto é ser obrigado a trabalhar para sustentara a família, ganhar pouco, na lógica do trabalho subalterno.” (DAYRELL, 2003, p.50).

Analisando estas circunstâncias e fatos apresentados por Dayrell, observa-se que na fase da juventude os sujeitos possuem consciência da necessidade de amadurecimento, mas de forma incompleta e/ou inconstante. Justifica-se esta dificuldade, entre tantas que possam ser apontadas, com a falta de ambientes que lhes auxiliem neste processo, entretanto, aparenta existir uma dificuldade da própria fase em assumir compromissos que não lhes tragam resultados imediatos ou a curto prazo.

Em vista dos argumentos apresentados, coloca-se, em contraponto no próximo tópico, a realidade apresentada por Aristóteles em sua obra *Ética a Nicômaco*, quando ao analisar a relação do sujeito na *pólis* identifica que a juventude é desprovida do que ele chama de *phronesis*, impedindo-os de assumir de modo pleno sua contribuição e responsabilidade em vista da *eudaimonia*.

2 AS SABEDORIAS PRÁTICAS APRESENTADAS NA OBRA *ÉTICA A NICÔMACO*, DE ARISTÓTELES

O pensamento aristotélico está imerso no contexto do homem grego que encontra todo o seu significado de “ser indivíduo” na construção e participação do Estado, da sua *polis*. Esta significação tem tamanha importância pelo fato de estar vinculada à *polis* uma instância divina, na qual os cidadãos gregos, bem como em outras civilizações que os rodeavam, praticavam um culto aos deuses de forma que para cada cidade-estado existia um deus que a representava e com isso toda a construção e a busca do bem da *polis* estava vinculada ao culto a este deus, não havendo distinção entre a cidade e o deus que a representava.

Com o intuito de exemplificar sua forma de enxergar esta relação e instruir o homem grego, Aristóteles ensina a seus discípulos como as ações do homem, de maneira geral, são realizadas, observando e apontando os seus vícios e os seus excessos, procurando descobrir os melhores caminhos de buscar o bem. Porém, o bem no que se refere a isso, está ligado a um

bem superior e em função da *polis*. Assim sendo, não poderia ser somente a busca de bens pequenos e individuais.

Em sua obra *Ética a Nicômaco*, o filósofo procura mostrar a seu filho, Nicômaco, toda esta realidade que aponta sempre para um bem supremo, uma busca da felicidade que chama de *eudaimonia*. Entretanto, antes de chegar a este objetivo final, ele traça um perfil minucioso do homem grego, a fim de demonstrar como é realizada a construção desta ética, ou deste lado moral do cidadão grego. Para tal fim, Aristóteles elenca algumas virtudes a que o indivíduo grego precisa estar atento a buscá-las, delimitando que a excelência destes bens morais está no meio-termo em relação às ações e reações cotidianas. Afirma, também, que tais virtudes estão na alma de cada cidadão.

Após tratar sobre quais são as virtudes, com seus excessos e faltas, o pai de Nicômaco aprofunda-se sobre de que maneira o indivíduo é capaz de realizar essa busca através do uso da razão. Para facilitar a compreensão deste raciocínio, Aristóteles divide a alma em duas partes, afirmando que uma parte é racional e a outra não. Ao que toca a parte racional, realiza, ainda, uma outra divisão, apontando-as como imutável, ou científica, e mutável, ou deliberativa. Quando realiza tal divisão não quer dizer que ambas funcionem independentes, muito pelo contrário, assim o faz somente para facilitar a compreensão de como esta alma deve ser da melhor maneira compreendida e utilizada.

Diante do assunto abordado, na primeira parte deste artigo, trata-se de maneira mais constante sobre a parte da alma dita como racional mutável, visto que a ela está relacionada as ações práticas do indivíduo e de que maneira se chega a tomar decisões e fazer escolhas. Entretanto, também foi abordada a parte racional mutável ao passo que esta refere-se mais a uma área teórica e entendida pelo pensamento aristotélico como superior, mas não de forma independente, visto que ambas existem e estão em função da busca pela verdade.

Ao tratar das partes da alma, o autor afirma que “A virtude de algo se relaciona com o seu funcionamento apropriado” (ARISTÓTELES, 2013, p. 120) e elenca, então, a sensação, a razão e o desejo como controladores das ações que o indivíduo realiza para chegar a tal virtude. Afirma, ainda, que esses controladores estão interligados e formam um processo que parte do desejo do indivíduo, que ao ser iluminado pela razão, move-o a realizar uma escolha e a partir desta escolha concretiza o seu desejo em uma ação.

O processo apresentado entre o desejo e a ação deliberada pode corromper-se quando o indivíduo é interpelado por prazeres ou dores que o atinjam e percamos de vista qual o objetivo a ser alcançado com tais escolhas. Exemplifica-se, de melhor maneira, quando se entende que o processo de escolha, a partir do pensamento aristotélico, é permeado pelo uso

da razão, e, assim sendo, não pode o indivíduo simplesmente deixar-se mover por prazeres momentâneos ou dores e frustrações, dado o fato que estas inibem o uso de tal racionalidade.

De fato, as causas das quais se originam as ações estão nos fins visados, mas as pessoas que forem pervertidas pelo prazer ou pela dor perdem inteiramente de vista essas causas – não conseguem mais perceber que é a bem de tal coisa ou por causa de tal coisa que deve escolher e fazer aquilo que escolhe, porque o vício anula a causa que deu origem à ação. (ARISTÓTELES, 2013, p. 124).

O processo em questão, quando aplicado à realidade da juventude, parece tomar sentido e construir uma resposta, ou até mesmo uma justificativa para o fato desta fase da vida não conseguir atrair para si toda esta construção lógica de desejo, racionalidade e ação em vista de um objetivo. Tal justificativa pode-se dar pelo fato de que é neste momento que parece se iniciar a construção de um conjunto de experiências de vida que auxiliarão na deliberação e construção de um projeto e em vista deste é que se tomará as decisões. Todavia, como o indivíduo jovem não possui tais experiências práticas, torna-se impossibilitado de utilizá-las.

Além do fato de não possuir tal sabedoria prática, este indivíduo movido pelas suas paixões e desejos, perde a visão do universal de sua própria realidade, pautando-se, na maioria das vezes, em uma busca pelo próprio bem individual, acreditando ser este o melhor projeto a assumir para si, mas sem uma perspectiva geral do que lhe rodeia e do seu próprio projeto de vida. Em relação a isso, Aristóteles afirma:

As pessoas que pensam desta maneira buscam o bem próprio e julgam que todos deveriam agir assim. Vem daí a opinião que tais pessoas possuem sabedoria prática; contudo, talvez o bem particular de cada um não possa existir sem administração doméstica e sem alguma forma de governo. Ademais, a maneira de pôr em ordem os próprios negócios não é clara e deve ser investigada.

O que foi dito fica confirmado pelo fato de que, embora os jovens possam tornar-se geometras, matemáticos e sábios em matérias do mesmo gênero, **não se acredita que um jovem seja dotado de sabedoria prática**. A razão disso é que essa espécie de sabedoria não se relaciona apenas com o universal mas também com os casos particulares, que se tornam conhecidos pela experiência, e **um jovem carece de experiência, pois isso só o tempo pode dar**. Poder-se-ia também perguntar: por que um menino é capaz de se tornar matemático, mas não filósofo e nem físico. Seria porque os objetos da matemática existem por abstração, ao passo que os primeiros princípios das demais matérias citadas vêm da experiência, e também porque os jovens não têm convicções acerca destes últimos e apenas usam sem convicção a linguagem adequada, enquanto a essência dos objetos da matemática lhes é suficientemente clara? (ARISTÓTELES, 2013, p. 127-128, grifo nosso).

Colocados em contraponto, a realidade juvenil apresentada por Dayrell e a forma como Aristóteles constitui a construção do homem grego como um sujeito social, encontra-se um ponto em comum, que é o tipo de relação existente entre tais indivíduos e a realidade em

que estão inseridos, despertando a reflexão de como um influi no outro, mas não simplesmente por acaso, mas sim usando da razão, para que a partir daquilo que possuem construa-se algo intencionalmente e não por puro “consequencialismo”. Toda esta realidade tem sua tônica na juventude, momento em que se inicia a construção deste sujeito social, que para Aristóteles é responsável, junto com todos os outros indivíduos, pela *eudaimonia* da *polis*.

3 A SABEDORIA PRÁTICA DE ARISTÓTELES APLICADA À JUVENTUDE

Ao abordar e refletir sobre a figura do indivíduo jovem, parece existir um ponto de vista comum de que o jovem está envolto em um processo de amadurecimento e com este amadurecimento deve assumir para si algumas responsabilidades que antes na fase da infância e adolescência não possuía, visto que os pais tinham esse papel. Apesar deste ponto em comum, o que parece não existir é um processo fixo ou estável que possa ser aplicado a cada indivíduo, visto que para chegar às responsabilidades que lhe são exigidas, o indivíduo jovem sofre interferências do meio em que está inserido, alguns de forma mais abrupta, outros de forma mais amena, podendo ser considerado as condições financeiras e econômicas, afetivas e emotivas, educacionais (desde a educação recebida pela formação familiar, até àquela que se refere à formação profissional, ética e moral das instituições de ensino).

Considerando que seja a fase adulta o início da meta alcançada pela juventude, percebe-se que muitos indivíduos jovens não desejam chegar a esta meta, devido ao fato de que ela é entendida mais como uma fase que possui momentos e circunstâncias que trazem sabores e prazeres. Diante desta realidade, transparece a necessidade de construir com a juventude o que de fato é o “ser adulto” e que aquilo que é considerado como algo “desgostoso”, não o é, quando visto como um meio para se chegar a algo e não como um fim em si mesmo, como é apresentado por Aristóteles.

Este processo de esclarecimento aparenta ser claro no pensamento aristotélico, no qual o filósofo aponta que a verdadeira felicidade é um “bem final”, e que os “bens inferiores” ou “bens menores” é que devem ir suprimindo e saciando-o ao longo deste caminho, mas que ao percorrer o caminho existirá, também, a ausência de tais bens. E é, então, nestes momentos, que o indivíduo deve enxergar o bem maior, ou final, ou até mesmo o bem que não se refere somente a sua pessoa e seus desejos, mas um bem que esteja em um nível mais comunitário e social, que era onde Aristóteles de fato acreditava que estava a *eudaimonia*.

A respeito destas deliberações, o estudioso de Aristóteles, Giovanni Reale diz:

Para uma compreensão exata da doutrina aristotélica, é importante observar que a *phronesis*, ou sensatez, ajuda a deliberar corretamente a respeito dos verdadeiros objetivos do homem, no sentido de que aponta os meios capazes de atingir os fins verdadeiros; ou seja, ajudar a identificar e obter as coisas que levam a tais fins, mas não indica nem determina os próprios fins (REALE, 1997, p.121).

Quando se assume que os jovens começam a assumir responsabilidades, toca-se os tais “bens inferiores” que devem acompanhar o indivíduo. Entretanto, a dificuldade lhes aparece quando estes indivíduos querem se saciar somente com esses bens e sem conseguirem enxergar com de forma mais panorâmica tudo o que lhes rodeia. Falta-lhes a sabedoria prática, que através das experiências vividas, cria uma “inteligência deliberativa”, mostrando que as atitudes tomadas precisam passar antes de tudo pela razão.

Diante da ausência da *phronesis*, que é como Aristóteles chama a sabedoria prática, o indivíduo jovem rompe o processo lógico apontado pelo filósofo, que explica que o desejo antes de chegar a tornar-se um ato, deve passar pela razão, que lhe indicará, através das experiências obtidas pelas práticas já vividas, qual a melhor escolha a ser feita diante do agir ou não agir. Este processo parece não existir na juventude não só pelo fato de estarem ligados à busca de prazeres momentâneos, mas também pelo fato de que não conseguem fazer o uso da sua razão, não por não tê-la, visto que ela é algo intrínseco ao ser humano, mas por não conhecê-la.

Assumindo esta posição, de que a fase da juventude é a fase em que a razão passa a mostrar sua existência para o indivíduo, pode-se considerar que uma das tantas dificuldades que este indivíduo vive neste momento é a de assumir um “relacionamento” com a racionalidade, de modo que sua esta passe a existir em sua vida de modo consciente, assumindo os seus desejos e as consequências das escolhas que decide tomar, e não mais como um simples “consequencialismo” dos seus desejos.

Outra consideração que não pode deixar de ser feita é que apesar de ser um relacionamento construído do indivíduo com a sua razão, este relacionamento tomará sobre si muitas características da realidade em que este indivíduo jovem está inserido. Com isto, pode-se perceber que a responsabilidade da construção do “ser adulto” torna-se um resultado da postura assumida pelo indivíduo jovem, mas com as características do que lhe é apresentado pelos vários grupos em que está inserido, desde seu grupo familiar, até a realidade da sociedade em que vive, seja no micro ou no macro, ou seja, desde a realidade do seu bairro até a realidade do mundo.

Com todas essas características que compõe a forma como se constrói o ser adulto, vê-se necessário sempre observar que a juventude não pode ser considerada somente uma fase de

transição, pois, parece ser neste momento da vida que se constrói o indivíduo que poderá, ou não, formar desde os pequenos núcleos, como os familiares, chegando até aos grandes núcleos, como os que governam ou administram de forma a gerar grande influência na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar as realidades apresentadas na obra de Aristóteles e na pesquisa de Dayrell, pode-se perceber que o filósofo clássico já percebia que aqueles que estão na fase da juventude não possuem a capacidade de utilizar da sua capacidade de deliberar à luz da razão, primeiro pelo fato de não possuírem a sabedoria prática, a experiência de vida, e a ausência desta faz com que estes acabem se pautando em uma busca hedonista, visando, não somente, mas com grande relevância, o sentir-se bem no agora, no presente.

Aristóteles ao propor aos cidadãos a sua forma de enxergar e se relacionar com a *polis* acaba por ressaltar a busca de um bem comum que não se reduza a algo individualista, para isso, apresenta toda uma hierarquia de ensinamento, que passa pela juventude, reconhecendo a sua realidade, mas não negando que durante ela também seja necessário trabalhá-la e talvez seja este ponto que necessite ser ressaltado nos tempos contemporâneos.

Assim sendo, esclarece-se que para a construção de um nível de uma juventude que ultrapasse a busca pelo prazer individual e momentâneo, tem-se a necessidade de aprimorar a sua educação, desde a realidade familiar até as relações com a sociedade, para que possam enxergar-se como parte de um todo, tanto em si mesmo, na construção daquilo que virá a ser, como com o outro, percebendo que também é responsável por aquilo que lhe rodeia. Todos estes níveis de educação compõem a sabedoria prática, tão preciosa no pensamento aristotélico, porque garante iluminação em suas deliberações ou ao menos contribui para iniciá-las com alguma segurança.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2013.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 24, set.-dez., 2003, p. 40-52. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>. Acesso em: 19.03.2017.

PRADO, Antonio Ramos. **Cultura Juvenil:** perspectivas e desafios para novos tempos. São Paulo: Paulus, 2014.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. **História da Filosofia:** filosofia pagã antiga. Trad. Ivo Storniolo. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2007. Vol. I. pp. 203-210.

REALE, Giovanni. **Introdução a Aristóteles.** Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. pp. 111-128.